

# VENHA ESTUDAR TEOLOGIA

GRADUAÇÃO PÓS-GRADUAÇÃO



\* Diurno  
\* Noturno

MATRÍCULAS  
ABERTAS



PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA N. SRA. DA ASSUNÇÃO

Av. Nazaré, 993, Ipiranga 04263-100 São Paulo - SP

Tel.: (011) 274-8600 Fax: (011) 272-7630

## O SIGNIFICADO ESCATOLÓGICO DA RESSURREIÇÃO DE JESUS

Prof. Dr. Renold J. Blank

### 1 - RESSURREIÇÃO, UM AGIR EXCLUSIVO DE DEUS

a) *A Crucificação: o sinal visível e aparente de um fracasso total de Jesus (Cf. Dt 21,23; Gl 3,13)*

Ao longo de 2000 anos, nós nos acostumamos a ver na cruz o grande sinal venerável de nossa fé. Um sinal de honra e de respeito, diante do qual os cristãos se ajoelham para adorar. Esta é a realidade de hoje. No entanto, não era assim na época de Jesus. No seu tempo, a cruz era um sinal vergonhoso, um pelourinho escandaloso. Quem nele morreu, era marcado diante de toda a sociedade como um fracassado, um rejeitado, um maldito até por Deus. Quem morreu na cruz, perdeu toda a credibilidade, dele não mais se falava, era um fracassado, um proscrito e, além de tudo, marcado em público pela maldição de Deus. “*Maldito de Deus, quem pende na cruz*”, assim podemos ler em Dt 21,23.

E Jesus estava na cruz, por conseguinte era maldito por Deus, e um maldito por Deus de modo algum podia ser o Messias. Realmente, o Templo sabia, por que insistiu na cru-

cificação de Jesus. Um crucificado não pode ser o Messias, isso, na época de Jesus, era óbvio para todo mundo. E por causa disso, naquela sexta-feira, todos foram embora, como relatam os textos. Todos estavam convencidos de que teriam se enganado. Este crucificado não podia ser o Messias. Ele era um usurpador, um mentiroso, rejeitado pelo próprio Deus. E junto com ele, era rejeitado também tudo aquilo que tinha dito e feito.

Com a morte na cruz tinha terminado todo o prestígio de Jesus e, conseqüentemente, era eliminado da história também todo o seu projeto. Isto significava, também, que ficava provado diante de todos e para todos, que o Templo tinha razão e que este Jesus se tinha enganado. Ficava provado que Deus não era assim, como este Jesus tinha dito, mas assim, como o Templo falou: *um Deus da Lei, e não um Deus da misericórdia.*

É essencial para nós, a conscientização sobre este fato: Com a sua morte na cruz o projeto de Jesus parecia fracassado, e se alguém ainda podia reverter este fracasso aparente, devia ser Deus. Só Deus era capaz de reverter o veredicto que ele mesmo tinha formulado: “*Maldito por Deus quem pende na Cruz!*”. Só quan-

do este fato histórico ficar bem claro e consciente, é que podemos compreender o verdadeiro significado daquilo que chamamos *Ressurreição*.

Esta reflexão nos conduz direto a um segundo pressuposto para a compreensão do verdadeiro significado da ressurreição: **Deus tinha que agir, porque era o único que ainda podia agir.**

### *b) O Novo Testamento nunca menciona uma auto-ressurreição de Jesus*

Uma das fórmulas básicas de nossa fé é aquela que diz que "Jesus ressuscitou dos mortos". Há muitos que interpretam esta declaração de maneira errada, pensando que nela se falasse que Jesus, pelas suas próprias forças, teria ressuscitado da morte. - Ele, afinal, é Deus. Uma tal interpretação, no entanto, está em oposição a tudo aquilo que a exegese nos diz sobre o significado original da palavra "ressurreição". Ela está também em contradição total com toda a fé da Igreja primitiva.

### *c) O Credo da Igreja primitiva insiste que Deus ressuscitou Jesus*

O Novo Testamento nunca menciona uma auto-ressurreição de Jesus. E o Credo da Igreja primitiva insiste que foi Deus, quem ressuscitou Jesus. Mencionamos como exemplo o texto de At 3,15: Vós matastes o autor da

vida, mas DEUS O RESSUSCITOU DOS MORTOS e disso nós somos testemunhas.

Esta declaração é exemplar para a fé da Igreja primitiva. Ela se repete em muitos outros textos no NT como, por exemplo, Atos 2,24.32; 3,15; 4,10; 5,30; 10,40; 13,30.34.37; 17,31; 26,8; Rm 4,24.25; 6,4.9; 7,4; 8,11.34; 10,9; 1Cor 6,14; 15,15; 2Cor 1,9; 4,14; Gl 1,1; Ef 1,20; 2,6; Cl 2,12; 1Tess 1,10; 2 Tim 2,8; 1Pd 1,21.

Para a Igreja primitiva era absolutamente claro que a Ressurreição era um agir de Deus em Jesus morto. Sendo Jesus verdadeiro Deus, mas também verdadeiro homem, ele, como qualquer verdadeiro homem, era verdadeiramente morto depois da crucificação. Era a convicção da Igreja primitiva, que este Deus-Jesus assumiu, como o diz Paulo, a condição humana até a última consequência (cf. Fl 2,6-8, Hb 2,17). A última consequência de ser homem, porém significa morrer e não ressuscitar pelas suas próprias forças. A Igreja primitiva era bem consciente disso, e é esta a razão, pela qual, no seu credo mantinha viva a fé de que a ressurreição de Jesus era um ato de Deus no Jesus morto. Deus agiu, ressuscitando o Jesus morto. E só por causa deste agir específico de Deus, era possível recuperar a fé no crucificado. Ressuscitando Jesus, o próprio Deus reverteu o veredicto contra o "aquele que pende na cruz". Ressuscitando Jesus, o próprio Deus, contra toda intenção do Templo, com-

provou pelo seu agir, que Jesus de fato era o Messias. Ressuscitando Jesus, Deus confirmou diante de todos, que Jesus tinha tido razão e o Templo tinha se enganado.

É só quando recuperamos assim o verdadeiro significado da Ressurreição de Jesus por parte de Deus, que compreendemos também em toda a sua radicalidade as consequências de um tal agir de Deus. Consequências, aliás, nas quais se baseia toda a nossa fé. Só Deus é capaz de reverter o fracasso da cruz! Ele o faz, ressuscitando Jesus! Assim, a Ressurreição é um agir de Deus no homem morto.

## **2 - A RESSURREIÇÃO DE JESUS SE TORNA A PROVA DA DIVINDADE DE DEUS: SÓ UM DEUS VERDADEIRO PODE RESSUSCITAR MORTOS (AS DIVINDADES FALSAS - OS ÍDOLOS - SÓ PROVOCAM A MORTE, NÃO A VIDA)**

Um dos fundamentos da fé de Israel, era a convicção de que Deus era um Deus da vida. Isto significa que ele era capaz de transformar situações de morte em nova situação de vida. Os deuses falsos, os ídolos, não tinham este poder. O agir deles só provocava morte, enquanto o verdadeiro Deus, ao agir, sempre produziu vida.

Esta convicção se tinha fixada através de muitas crises a partir do século III a.C. em Israel. Era uma convicção de fé. Ela culminava na afirmação que o Deus Iahweh é um Deus capaz de ressuscitar mortos. Na Ressurreição de Jesus, Deus confirma esta fé. Ele

comprova diante de todos que ele, de fato, é capaz de ressuscitar mortos, e que por conseguinte, ele é o Deus verdadeiro e não um ídolo.

É neste Deus verdadeiro que Jesus tinha baseado a sua confiança durante toda a sua vida. Se é ele que ressuscita Jesus, nós temos nisso uma prova indireta, que Jesus tinha baseado a sua confiança no Deus verdadeiro. O Deus de Jesus é o Deus verdadeiro e, conseqüentemente, é falsa a imagem de Deus defendida pelo Templo. O Deus do Templo é um ídolo que gera morte. O Deus de Jesus é o Deus verdadeiro, porque o seu agir é capaz de gerar nova vida. A confirmação disso diante de todos e para todos, é a primeira consequência fundamental do fato de Deus ter ressuscitado Jesus.

Deus é um Deus da vida. Na ressurreição de Jesus. Deus comprova que ele é capaz de agir de maneira totalmente nova, gerando nova vida.

## **3 - RESSUSCITANDO JESUS, O PRÓPRIO DEUS CONFIRMA QUE A SUA FIDELIDADE VAI ALÉM DA MORTE**

A partir do momento em que Jesus estava morto, acabava a possibilidade de agir. Com um Jesus morto, nem Deus pode mais fazer algo. Muito menos os Apóstolos que, em todo caso, ficaram marcados pelo abalo de todas as suas expectativas.

Com a morte de Jesus, parecia que o próprio Deus o tinha abandonado. É, de fato, assim que os seus contemporâneos compreenderam a sua morte. O choque transparece no grito que os sinóticos colocam na boca do Jesus na Cruz: "*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste!*" Este grito escandaloso põe em cheque a fidelidade do próprio Deus. Será que Deus de verdade é um Deus fiel? Ou será que a sua fidelidade termina na morte? Será que ele deixa cair aquele que sempre nele confiou? No momento da morte de Jesus, parece que devemos responder a todas estas indagações com um "sim".

Ressuscitando Jesus, porém, o próprio Deus supera a negatividade deste "sim". Ele se revela como sendo um Deus fiel. E ele comprova diante de todos, que não abandona aquele que nele confia. Ele comprova diante de todos que a sua fidelidade não termina com a morte, mas vai além. Deus é um Deus que mantém a sua fidelidade ao homem para além da morte.

#### **4 - RESSUSCITANDO JESUS, DEUS SE REVELA COMO SENDO FIEL AO HOMEM. ELE COMPROVA QUE SE SOLIDARIZA COM JESUS E COM TUDO AQUILO QUE ELE TINHA DITO E FEITO**

Com a morte de Jesus tinha acabado, aos olhos de seus contemporâneos, não só a sua pessoa, mas também a sua obra. Tudo o que Jesus

tinha vivido, pregado e realizado ficara comprometido. Ficaram comprometidas sobretudo as quatro grandes opções com as quais tinha desafiado o Templo e seu sistema. Essas opções tinham feito de sua mensagem uma "*Boa Nova para os pobres*" (cf. Lc 4,18-19):

- A Opção pelos pobres
- A Opção pelo homem e contra o legalismo
- A Opção pela misericórdia
- A Opção pelo serviço e contra o poder

Por causa destas opções, Jesus se tinha posto em oposição a todo o sistema vigente da instituição religioso-social. Foram alternativas de Deus reveladas pelo seu próprio filho. Se Deus quis mantê-las, depois da morte de Jesus na Cruz, ele mesmo tinha que agir porque o seu filho morto não o podia mais. E Deus agiu mesmo! Ele ressuscitou aquele que o sistema religioso-social tinha matado. Ele o ressuscitou, e com esta ressurreição, o próprio Deus confirmou (contra o sistema) que ele se solidarizou com tudo aquilo que este Jesus tinha dito e feito.

O próprio Deus confirmou que as opções de Jesus eram as suas próprias opções. Não podia ser diferente, porque Jesus, afinal, era Deus. As opções dele são as opções de Deus. A cruz tinha posto em dúvida exatamente este fato: O Templo e todos os seus seguidores em todas as épocas podiam, com consciência tranqüila, voltar

aos seus sacrifícios e seus cultos de adoração. A vida de Jesus não era mais um desafio, porque a sua morte na cruz o desacreditou. No entanto Deus agiu, ressuscitando Jesus. E a partir deste fato, não é mais possível ignorar o exemplo de vida de Jesus. Não é mais possível, ignorar as suas opções e, sobretudo, não é mais possível negar que a verdadeira tarefa do cristão é esta: **Seguir as mesmas opções que Jesus seguia!** Fazer o mesmo que ele fez! Só assim se realiza aquilo que era o grande chamado do Ressuscitado e confirmado por Deus: "**Vem e segue me!**", isto quer dizer: **Faça o mesmo que eu fiz!** O próprio Deus confirmou que as opções de Jesus são as opções dele. Consequentemente, devem ser também as opções daqueles que se chamam os seguidores de seu Filho, isto quer dizer, dos cristãos.

#### **5 - O AGIR SOLIDÁRIO DE DEUS SE TORNA PROVA E BASE PARA A NOSSA FÉ**

*a) Um Deus capaz de ressuscitar Jesus, é também capaz de ressuscitar a todos nós!*

Na Ressurreição de Jesus, Deus se revelou como um Deus capaz de ressuscitar mortos. Ele também mostrou que de fato faz aquilo, do qual é capaz. Deus ressuscitou mesmo um morto. É com base neste fato histórico e inegável que se torna possível a formulação daquilo que é uma das bases fundamentais de nossa fé.

Se Deus ressuscitou este morto, então, ele vai ressuscitar outros também. Aqueles outros, somos nós. Toda a nossa esperança na ressurreição tem o seu fundamento no fato de Deus ter ressuscitado Jesus. Paulo não cansa de repetir esta verdade: "**Deus, que ressuscitou Jesus, vai ressuscitar também a nós!**" (1Cor 6,14).

A Ressurreição de Jesus se torna assim a confirmação de toda a nossa expectativa escatológica individual. Toda ela seria ilusão e engano, se não tivesse acontecido esta Ressurreição. Não é por acaso que Paulo insiste em proclamar que "se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação e vã a nossa fé!" (1 Cor 15,14) Mas, Cristo ressuscitou! Deus o tirou da morte, e esta Ressurreição era "as primícias de um agir de Deus que se repetirá em cada um de nós (cf. 1Cor 15,20). A Ressurreição de Jesus se revela assim como sendo não só a base, mas também a condição indispensável de toda a nossa esperança escatológica individual.

*b) Comprovando tudo aquilo que Jesus tinha dito e feito, Deus comprova também a Palavra de Jesus de que Ele nos ressuscitará*

*"Esta é a vontade do meu pai: Quem vê o filho e nele crê, tem a vida eterna e EU O RESSUSCITAREI NO ÚLTIMO DIA"* (Jo 5,21; 6,39; 6,40)

A Ressurreição de Jesus não é só de maneira genérica a comprovação das opções de Jesus, mas, palavra por palavra, a ratificação por parte de Deus de tudo aquilo que este Jesus jamais tinha dito e feito na sua vida. Uma das grandes promessas dele, no entanto, era a garantia de que será ele mesmo que nos ressuscitará.

Ressuscitando Jesus, o próprio Deus dá a esta promessa o seu peso de veracidade absoluta. Fica provado que, da mesma maneira como Deus ressuscita Jesus, nós também seremos ressuscitados pelo ressuscitado, por aquele ressuscitado que foi confirmado pelo pai como sendo o filho amado, aquele, ao qual "foi dado todo o poder no céu e na terra" (Mt 28,18), aquele que foi "constituído Filho de Deus em todo o seu poder ... pela sua ressurreição dentre os mortos" (Rm 1.4).

*c) Jesus, comprovado pela ressurreição como sendo o "Cristo", o Filho de Deus, é capaz também de justificar os pecadores*

Nas palavras de Paulo, a Ressurreição, além de todos os outros significados já mencionados, se torna também a prova de que Deus de fato exaltou Jesus "e lhe deu um nome que está acima de todo o nome" (Fl 2,9). Jesus, que ainda antes de sua ressurreição já era Filho de Deus (cf. 1Cor 8,6; Fl 2,6), está sendo

comprovado e autenticado nesta sua glória. Ele realmente é Deus e Filho de Deus. E, sendo assim, a Ressurreição se torna a confirmação de mais uma das grandes esperanças de nossa fé: Da esperança de que os nossos pecados sejam perdoados: Só Deus pode perdoar pecados. Na sua dignidade de Filho de Deus, Jesus tinha agido assim, escandalizando todos aqueles que não acreditaram nele. Sendo Jesus "constituído Filho de Deus ... pela ressurreição" (Rm 1,4), todos aqueles que duvidaram nele, estão sendo desmentidos. Jesus é o Filho de Deus, o Cristo e, como tal, tem o poder de superar pelo seu poder também aquela situação que constitui a verdadeira morte do ser humano: o Pecado. O Deus que ressuscitou o seu filho da morte, confirma isto pelo seu agir.

#### **6 - RESSUSCITANDO JESUS, O PRÓPRIO DEUS COMPROVA QUE CHEGOU O FIM DO MUNDO ANTIGO E O COMEÇO DO NOVO MUNDO, CHAMADO REINO DE DEUS**

Com a Ressurreição de Jesus, o mundo antigo da morte chegou ao seu fim. A ressurreição "não é só um caso exemplar da ressurreição de todos, mas objetivamente o início da transfiguração do mundo"<sup>1</sup>. Nela se realiza no fundo a expectativa apocalíptica

na sua forma mais completa. O pensamento apocalíptico sempre compreendia o começo do Novo mundo esperado em termos de uma intervenção exclusiva de Deus.

Uma tal intervenção exclusiva de Deus se realizou de verdade porque só Deus podia ressuscitar um morto. Só ele era capaz de agir depois da catástrofe da Cruz; catástrofe que, em termos reais, significava o fim de um Mundo. Um fim que não irrompe como cataclismo exterior, mas como início de um processo, dentro do qual o mundo antigo do pecado e do Anti-Reino chega ao seu fim. Não é por acaso que os Sinóticos deixam entrever, no momento da morte de Jesus, todos os sinais apocalípticos do fim do Mundo, começando com trevas e terremotos, e terminando com a revelação de Deus aos olhos de todos, simbolicamente exprimido pelo véu do Templo que se rasgou.

A Cruz realmente significa de maneira irrevogável a superação do pecado e o começo do fim do mundo antigo; do mundo da morte e do pecado. Mas, da mesma maneira como a cruz, em termos escatológicos, marca o grande juízo sobre o mundo (cf. Jo 12,31; também Jo 3,19), a Ressurreição, por sua vez, marca o início do mundo novo da vida; o início daquele mundo de Deus, que a literatura apocalíptica esperava faz séculos. Agora aconteceu, e o próprio Deus confirmou o seu início com um agir exemplar.

A partir da Ressurreição de Jesus, o Novo Mundo da Vida já começou!. Este começo é obra exclusiva de Deus, assim como o pensamento apocalíptico havia manifestado. Este Novo Mundo é o mundo de Deus e, por causa disso, o mundo da vida. Ele começou por um agir soberano e poderoso de Deus, e o sinal deste agir é a superação da morte no seu próprio filho. No novo mundo de Deus a morte não tem lugar. E com a morte, estão sendo superadas todas as forças e todas as estruturas que geram a morte. Ressuscitando Jesus, Deus comprova este fato diante de todos, porque agora, ele mesmo vive como Deus no mundo. O Jesus ressuscitado é Deus, e como Deus está presente no mundo de uma maneira bem especial. Um Deus da vida que se manifesta, um Deus conosco. Um Deus no mundo.

Onde Deus está presente, onde ele reina, ali é Reino de Deus. A Ressurreição de Jesus se apresenta, assim, como o grande sinal escatológico, a partir do qual está sendo confirmado também a esperança maior para o mundo. Com a Ressurreição de Jesus, o começo do Reino de Deus foi comprovado e confirmado de maneira visível e histórica. O Reino da vida é mais forte do que o reino da morte.

Este Reino da vida já começou; e como tudo aquilo que é vida, ele não irrompeu num súbito ato explosivo, mas cresce a partir de seu começo, como processo irresistível e vital.

<sup>1</sup>C. P. CEROKE. *Parusia in the Bible* NCE 10, p. 1034, cit. conf.: Edmund J. FORTMANN. *Everlasting Life*, New York 1986, p. 280

A Ressurreição de Jesus é a comprovação de que o Reino da vida, que é o Reino de Deus, agora, se desenvolve como processo invencível e dinâmico, até chegar à sua plenitude na Parusia. Assim se confirma na Páscoa não só a nossa esperança individual, mas também a grande esperança escatológica para o mundo: O FIM

ÚLTIMO DESTE MUNDO NÃO É O REINO DA MORTE E DO PECADO, MAS O REINO DE DEUS.

Este trabalho foi apresentado pelo Prof. Renold J. Blank no dia de estudos sobre a Ressurreição, promovido pelo Departamento de Dogma da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

## PODER E AMIZADE: AS CONEXÕES POLÍTICA E EMOCIONAL NA MISSÃO DE JOSÉ DE ACOSTA, SJ (PERU, 1572-1586) E MATTEO RICCI, SJ (CHINA, 1583-1610), COMPARADAS A PARTIR DE SEUS CATECISMOS<sup>1</sup>.

Pe. Dr. Franz Helm SVD

Quando, a partir do final do século XV, a expansão européia abriu caminho para o encontro com muitos povos até então desconhecidos ou ainda não alcançados pela mensagem da salvação, a Igreja Missionária lançou-se mundo afora, com o objetivo de seguir ao mandamento do Senhor: "Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16, 15). Sua meta era a "conquista espiritual", a "salvação dos índios"<sup>2</sup>, a "introdução do cristianismo"<sup>3</sup>, a fundação da Igreja. Na sua expansão, a Igreja dependia do contexto, isto é, de outras expansões. Ela seguiu as rotas comerciais, acompanhou os exércitos de conquistadores e fundou igrejas e mosteiros nas fortalezas e nas novas

idades que o poder secular fundou. Em muitas partes do mundo, as estruturas territoriais e administrativas da igreja nascente correspondiam diretamente às estruturas dos impérios coloniais que se instalaram. Entregue pelo padroado à direção e à responsabilidade de monarcas católicos, a Igreja tornou-se um poderoso instrumento do poder secular para desenvolver a ruptura com o passado autóctone dos povos conquistados, a sua transculturação e integração nos impérios coloniais.

Mas houve também regiões aonde o braço poderoso dos impérios cristãos não chegou. Nestes países - a China é um exemplo - os missionários eram intrusos sujeitos ao poder de

<sup>1</sup> Trata-se de um excerto do quinto capítulo da tese doutoral do autor, que ele defendeu no Departamento de Missiologia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção em São Paulo no dia 12 de novembro de 1996. O título completo da tese é: Franz HELM. *Contexto e texto. O condicionamento contextual da missão, analisado pela comparação dos catecismos de José de Acosta (Lima, 1584) e Matteo Ricci (Pequim, 1603)*.

<sup>2</sup> Cf. a obra programática de Acosta, *De procuranda indorum salute*, de 1588.

<sup>3</sup> Cf. a crônica da missão jesuítica na China, escrita por Ricci: *Storia dell' Introduzione del Christianesimo in Cina*. Pequim, 1608-1610.